

## ***Kamouraska*, de Anne Hébert, em tradução brasileira: o tema da maternidade**

### **Anne Hébert's *Kamouraska*, in its Brazilian translation: the theme of motherhood**

Lílian Virgínia Pôrto<sup>1</sup>  
Ofir Bergemann de Aguiar<sup>2</sup>

*Submetido em 26 de agosto de 2013 e aprovado em 19 de janeiro de 2014.*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar o tema da maternidade na tradução brasileira do romance *Kamouraska* (1970), da escritora quebequense Anne Hébert (1916-2000). A tradução recebeu o título de *A máscara da inocência* (1972) e foi realizada por Leônidas Gontijo de Carvalho. Hébert assume uma posição ousada, para o Quebec dos anos setenta, quando trata de questões ligadas à maternidade, pois as mulheres de sua obra são representadas como insatisfeitas e não como altruístas, em conformidade com a ideologia conservadora quebequense. Buscaremos observar como essa insatisfação é retratada no texto em português, comparando-o ao original em francês, de modo a verificar se podemos depreender, do texto traduzido, atenuação na crítica à situação oprimida da mulher, que é uma preocupação da autora, não só na obra em estudo, mas também em outras. A problemática relação entre mãe e filha também faz parte desta análise.

**Palavras-chave:** *Kamouraska*. Anne Hébert. Tradução literária. Maternidade.

**Abstract:** The objective of this paper is to analyze the theme of motherhood in the Brazilian translation of the novel *Kamouraska* (1970), by the Québécois writer Anne Hébert (1916-2000). The translation received the title of *A máscara da inocência* (1972) and was performed by Leônidas Gontijo de Carvalho. Hébert takes a bold stance for seventies Québec when dealing with issues related to motherhood, as, in her work, women are represented as unsatisfied and not as altruistic, in accordance with the conservative ideology of Québec. We are going to discuss how such dissatisfaction is portrayed in the Portuguese text, comparing it with the original French, as to verify if we can observe, from the translated text, attenuation in the criticism of the situation of oppressed women, which is

a concern of the author, not only in the studied work, but also in others. The problematic mother-daughter relationship is also part of this analysis.

**Keywords:** *Kamouraska*. Anne Hébert. Literary translation. Motherhood.

*Kamouraska* (1970), da escritora quebequense Anne Hébert (1916-2000), é um romance em que é narrado o drama vivido por Elisabeth d'Aulnières. Ao lado de seu segundo marido, Jérôme Rolland, que está à beira da morte, ela rememora os acontecimentos tumultuosos de seu passado: seu casamento aos 16 anos com Antoine Tassy, o senhor de Kamouraska; sua paixão por George Nelson; as circunstâncias envolvendo a morte de Antoine, e o processo no qual é acusada de assassinato.

O universo de Elisabeth é cuidadosamente caracterizado para mostrar a condição de humilhação e de submissão à qual é destinada a mulher da época retratada. A imagem frequente da protagonista à janela é símbolo de sua imobilidade<sup>3</sup>. Ela observa as pessoas que passam e contempla, ao longe, o caminho que leva ao campo. Essa vista é, para a personagem, um constante chamado à liberdade, além de despertar, nela, o desejo ardente de retornar à infância: “Prisioneira da *Rue Augusta* e de *Sorel*. Tenho que libertar-me, encontrar outra vez a infância livre e forte que havia em mim.” (TK, p.118)<sup>4</sup>.

Sentindo-se estrangeira e marginal, Elisabeth observa os movimentos e a paisagem exterior, enquanto permanece imóvel no seio de um lar marcado pelos moldes patriarcais que a oprimem: “Fico à espreita. Soergo a cortina. Raspo a geada com as unhas. Sigo com o olhar a *Rue Philippe* que foge em direção ao campo” (TK, p. 182)<sup>5</sup>.

Essa personagem é duplamente limitada. Primeiro, pela instituição do casamento (situação denunciada com frequência na obra de Hébert). Em segundo lugar, pela maternidade e todas as suas implicações. Vítima de um primeiro marido abusivo e cansada de seus maus-tratos, ela foge para a casa de suas três tias em *Sorel* com seus dois filhos pequenos e se apaixona pelo médico George Nelson, que trata de seus ferimentos. Grávida do amante, Elisabeth vê-se obrigada, apesar da repulsa que lhe inspira a presença do marido, a arquitetar uma reconciliação para salvar sua reputação.

Elisabeth é prisioneira de uma realidade sufocante e só lhe resta tomar a palavra para contar sua própria história<sup>6</sup>. O ato de tomar a palavra, não permitindo que outro narrador o faça por ela, é símbolo de certa autonomia: “Digo ‘eu’ e passo a ser outra pessoa” (TK, p. 110)<sup>7</sup>. Dessa forma, o tema da

alienação e da liberação feminina é evocado à medida que se revela o contraste entre o confinamento da personagem e suas tentativas de controlar sua vida. A busca de identidade, por parte de Elisabeth, é uma constante no romance<sup>8</sup>.

Cabe observar que a obra de Anne Hébert é atravessada pela inquietação que persegue suas personagens, inquietação que está, na maior parte das vezes, relacionada com a angústia de um indivíduo cindido no tempo e no espaço, que procura entender-se e juntar as partes desse “eu” fragmentado em um “eu” unificado.

A narração do romance em estudo apresenta um vai e vem entre as diferentes identidades de Elisabeth: Elisabeth d’Aulnières, *Madame Tassy* e *Madame Rolland*. Todas elas desejam, ao mesmo tempo, reconstruir e esquecer o passado. Observa-se a alternância constante entre os pronomes eu, ela e você, em um movimento que caracteriza as diferentes perspectivas de um mesmo ser. Isso, por sinal, é explicitado no texto: “Pensar em si na terceira pessoa. Simular o desligamento. Não se identificar com a jovem casada toda vestida de veludo azul” (TK, p. 67)<sup>9</sup>.

Em *Kamouraska*, são descritas as limitações impostas pela sociedade patriarcal à mulher e a tragédia que decorre quando essas não são aceitas. A exemplo do que ocorre com outros textos de Hébert, a função da mulher se resume à da procriação e o matrimônio aparece como uma forma de prisão. Uma vez pega nessa armadilha, a personagem feminina deixa de ser mulher para tornar-se apenas “mãe” de numerosas crianças.

É nesse discurso sobre a maternidade que nos deteremos neste artigo, que analisará esse tema hebertiano na tradução brasileira de *Kamouraska*, que recebeu o título de *A máscara da inocência*, na versão de Leônidas Gontijo de Carvalho, publicada em 1972. A tradução brasileira será comparada ao original em francês, a fim de verificarmos se podemos depreender, do texto em português, atenuação na crítica à situação oprimida da mulher. Para tanto, esclarecemos que não concebemos a tradução como transferência de significados, mas como leitura, interpretação e reescrita, baseando-nos em teóricos como Luise von Flotow (1997) e André Lefevere (2007).

## **A representação da maternidade na literatura quebequense**

Anne Hébert assume uma atitude ousada para o Quebec de 1970, ano da publicação de *Kamouraska*, quando trata de questões ligadas à maternidade, porque as mulheres de sua obra são representadas como

insatisfeitas e não como altruístas, em conformidade com a ideologia conservadora quebequense. Elas não aceitam o sofrimento infligido no corpo e na alma, como decorrência da aceitação de um chamado destino de mulher. Hébert recusa o culto do mito da mãe quebequense rodeada de filhos e apresenta mães ausentes e más.

Em *Le nom de la mère: mères, filles et critique dans la littérature québécoise au féminin*, Lori Saint-Martin (1999, p. 21) discorre sobre o conceito de maternidade, desenvolvendo um estudo detalhado a respeito dos vínculos entre o papel maternal e o controle social das mulheres através da História. Segundo essa pesquisadora, três discursos reforçaram a limitação da mulher à função de mãe:

O discurso religioso, amplamente difundido no Quebec até os anos sessenta, ou mesmo depois disso, nos mostra [a mulher] como assexuada, sorridente na dor e altruísta; o discurso psicanalítico nos informa que ela deseja filhos para compensar a ferida narcísica da castração, de maneira que a maternidade é o símbolo de uma falta ontológica; o discurso científico nos fala de um instinto materno e de predestinação hormonal. (SAINT-MARTIN, 1999, p. 13, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Ainda para Saint-Martin (1999, p. 14), se é por causa da maternidade que as mulheres foram excluídas de quase todas as esferas públicas – social, política e cultural – e se a maternidade constitui a principal justificativa para a opressão às mulheres, é pela reflexão sobre a maternidade que é necessário partir, para podermos repensar a ordem simbólica e transformar valores. Daí a sua atenção ao tema.

De modo geral, a figura materna não foi muito valorizada na literatura quebequense anterior aos anos quarenta, pois a presença da mulher nos romances se dava até o momento em que a sua função reprodutora era cumprida. Com *Bonheur d'occasion* (1945), de Gabrielle Roy, contudo, a maternidade não só é representada de um ponto de vista feminino, mas mãe e filha ocupam o centro da narrativa. Assim, antes de Roy, como assinala Patricia Smart:

[...] tornar-se mãe na literatura quebequense significava quase inevitavelmente a sentença de morte da personagem feminina. No texto ideológico subjacente à literatura, ser mãe equivalia

a não-ter-história, a ser unicamente o Outro, o reflexo e o suporte da casa paterna. (1988, p. 213, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Retomando as obras de Gabrielle Roy, é importante lembrar que, apesar de essa escritora valorizar a figura da mãe e de apresentá-la como altruísta e boa, as mães aparecem na sua obra como personagens que sofrem e vivem conflitos dolorosos com as filhas. Estas desejam buscar um destino diferente, que as afaste do espetáculo de sofrimentos vividos pelas suas mães.

A representação da maternidade na literatura quebequense começa a sofrer transformações a partir dos anos oitenta, em que escritoras como Louky Bersianik, Nicole Brossard, Madeleine Gagnon e France Théoret colocam a mãe e a relação mãe--filha como mote de primeira importância em seus textos. Passa, então, a ser oferecida uma visão da maternidade mais positiva, no sentido de que ela pode ser livremente escolhida e vivida (SAINT-MARTIN, 1999, p. 15).

Em *Kamouraska*, é evocada uma época em que essa possibilidade de escolha não existia. Vale lembrar que a história de Elisabeth se passa em 1840, num Quebec clerical e conservador. Ressalte-se, também, que a publicação desse romance, em 1970, ocorre em um momento histórico e social concomitante com o surgimento da literatura feminista, mas não ainda no período da chamada explosão do movimento feminista literário no Quebec. Assim, estamos diante de um contexto social bastante conservador, no qual a mulher que é mãe é vítima da instituição da maternidade. Isso significa que há uma concepção patriarcal de maternidade que garante ao homem a posse de sua mulher e de seus filhos e não atribui direitos e nem autoridade à mãe (SAINT-MARTIN, 1999, p. 13).

### **A discussão sobre a maternidade no original e na tradução**

No modelo das sociedades patriarcais, as próprias mães e mulheres da família frequentemente incentivam as jovens ao seu destino de mulher (BEAUVOIR, 2003, p. 30-31). É isso o que vemos em *Kamouraska*. A mãe e as tias de Elisabeth insistiam em regras, criadas pela sociedade, que ditavam a conduta esperada das mulheres, como confirmam os trechos a seguir. As citações são apresentadas em francês e na tradução brasileira, para darmos início à nossa análise comparativa:

*Ma mère dit qu'il faut me marier. [...] Ma mère dit encore qu'il faut me marier. [...] (K, p. 64).*

*Je vais me marier. Ma mère a dit oui. Et moi aussi j'ai dit oui, dans la nuit de ma chair. Aidez-moi! Dites-moi, vous, ma mère? Conseillez-moi! Et vous, mes tantes? Est-ce l'amour? Est-ce bien l'amour qui me tourmente? Je crois que je vais me noyer.*

*Est-ce donc ainsi que les filles vivent? Je te bichonne, je te coiffe. Je t'envoie à la messe et au catéchisme. Je te cache la vie et la mort derrière de grands paravents, brodés de roses et d'oiseaux exotiques. (K, p. 69).*

Minha mãe disse-me que era preciso casar-me. [...] Minha mãe diz ainda que é preciso casar-me. [...] (TK, p. 60-61).

Vou casar-me. Minha mãe disse que sim. E eu também disse sim na grande noite. Ajude-me! Diga-me a senhora, mamãe! Aconselhe-me! E vocês também, minhas tias. Será o amor? Será o amor que me atormenta? Creio que vou desaparecer. É assim que as jovens vivem? Eu lhe anelo os cabelos e os penteio. Envio-a à missa e às aulas de catecismo. Escondo de você a vida e a morte por trás de grandes biombos bordados de rosas e de pássaros exóticos. (TK, p. 65).

Notamos, portanto, que o tópico em pauta está presente em *A máscara da inocência*. Estão explícitos, no texto em português, à semelhança do que ocorre no original em francês, a pressão pelo matrimônio e o comportamento imposto às jovens.

Elisabeth se rende parcialmente a essa situação. Isso porque, no seu íntimo, ainda guarda o desejo de ser livre. Mas o controle de si não a transforma em uma mãe amorosa. Ela se preocupa apenas com aspectos práticos, que dizem respeito à criação de seus filhos. Estes são, para ela, um modo de preservar a sua reputação, de manter a imagem de mãe zelosa. É por isso que, após o assassinato de seu primeiro marido, ela se casa com o senhor Rolland e aprende a “[...] reprimir suas necessidades, seus desejos, sua cólera, sob pena de ser uma mãe má [...]”<sup>12</sup>, como sustenta Saint-Martin (1999, p. 12, tradução nossa), no seu estudo sobre as mães.

Manter a aparência de mãe tradicional era necessário e vital para que a mulher fosse respeitada na época, uma vez que só se ofereciam, a ela, duas opções: “[...] aceitar a maternidade tal como a sociedade a constrói e renunciar a todo sentimento; ou então rejeitar a maternidade, se marginalizar” (ZWOLL, 2003, p. 131, tradução nossa)<sup>13</sup>. Nesse contexto, Hébert tece uma crítica tenaz, ao longo da sua obra, às limitações resultantes da experiência da maternidade:

*Pourquoi faire tant de simagrées? Je n'ai été qu'un ventre fidèle, une matrice à faire des enfants. Huit enfants de celui-ci. Et les trois petits d'avant celui-ci, du temps que j'étais l'épouse d'Antoine Tassy, seigneur de Kamouraska.* (K, p. 10).

Por que fingir? Mantive sempre um ventre fiel, uma matriz de fazer filhos. Tive oito com ele [Jerôme Rolland]. E os três que tive antes de casar-me com ele, quando era a esposa de Antoine Tassy, o senhor de Kamouraska. (TK, p. 6).

Por essa passagem, percebemos que a insatisfação com a imposição cultural da maternidade também está presente na tradução brasileira de *Kamouraska*. Observamos isso pela explicitação da função reprodutora da mulher (“uma matriz de fazer filhos”) e pela menção ao elevado número de filhos: “oito mais três”.

Verificamos nesse exemplo, porém, no texto de Leônidas Gontijo de Carvalho, atenuação na crítica à situação da mulher. Hébert emprega a restrição *ne...que* em *Je n'ai été qu'un ventre fidèle*, para ressaltar, a nosso ver, que, à mulher, nada cabe além de ser um “ventre fiel”. Em português, não há essa restrição: “Mantive sempre um ventre fiel”.

Essa atenuação é observada em outros trechos do romance. Na passagem a seguir, uma escolha tradutória que ameniza a denúncia à sociedade patriarcal pode ser encontrada na tradução de *marmaille* por “crianças”:

*Toute cette marmaille à porter et à mettre au monde, à élever au sein, à sevrer. Occupation de mes jours et de mes nuits. Cela me tue et me fait vivre tout à la fois. Je suis occupée à plein temps. Onze maternités en vingt-deux ans. Terre aveugle, tant de sang et de lait, de placenta en galettes brisées. Pauvre Elisabeth, prodigue Elisabeth!* (K, p. 11).

Todas essas crianças para sustentar e pôr no mundo, para criar ao seio, para desmamar. Ocupação de meus dias e de minhas noites. Isso me mata e faz viver ao mesmo tempo. Vivo ocupada o tempo todo. Onze filhos em vinte e dois anos. Só lembranças desfeitas de uma terra cega, de sangue, leite e placenta. Pobre Elisabeth, pródiga Elisabeth! (TK, p. 7).

Segundo o Dicionário *Le Nouveau Petit Robert* (2003, p. 1575), *marmaille* significa “*groupe nombreux de jeunes enfants bruyants*”, que poderia ser traduzido por “grupo numeroso de crianças barulhentas”. O Dicionário de Paulo Rónai (1989, p. 159) apresenta “criançada” e “filharada”, como tradução de *marmaille*. Ao optar por “crianças”, portanto, o tradutor não apresenta, no texto em português, a ideia de “grande número” e do “barulho” produzido por essas crianças, que conferem conotação negativa a elas e, conseqüentemente, realçam a dificuldade da ocupação das mães.

A escolha de “sustentar” na tradução de *porter*, por sua vez, atenua a ênfase nas limitações das tarefas femininas, uma vez que, em português, “sustentar” nos remete ao campo financeiro, responsabilidade que cabe ao homem, no contexto da obra em pauta. Acreditamos que *porter* significa, nessa citação, “carregar na barriga”, uma vez que aparece antes de *mettre au monde, élever au sein* e *sevrer* (dar à luz, amamentar, desmamar). Além disso, podemos observar, em francês, certa gradação nas funções da mulher: *porter, mettre au monde, élever au sein* e *sevrer*. Esse recurso estilístico serve para sublinhar os esforços físicos enfrentados pela mulher, a cada gravidez. Isso não fica tão evidente na tradução, com a escolha de “sustentar”. *Porter* poderia ser traduzido como “gerar”.

Por fim, importa assinalar que Carvalho retira de foco as implicações da maternidade, ao optar por “onze filhos” como tradução de *onze maternités*. Um homem pode dizer que tem “onze filhos”, mas não que passou por “onze maternidades”.

A discussão sobre a maternidade, entretanto, é evidente em *A máscara da inocência*, levando o leitor a compreender, pela leitura da tradução, a exemplo do que ocorre pela leitura do original, que Anne Hébert:

Desfaz as ilusões segundo as quais a maternidade é um estado de graça abençoado entre todos e mostra que a maternidade pode ser violenta, cruel, contrariada e apaixonante. A mãe não tem mais a imagem da dona de casa realizada sem desejo nem



paixão, mas aparece como uma mulher que sofre por causa da sociedade patriarcal que a encerra e a sufoca numa rigidez destrutiva. (VIAU, 2007, p. 146, tradução nossa)<sup>14</sup>.

Essa afirmação pode ser confirmada em várias outras passagens do romance, como nas seguintes:

*Tous ces chers petits nourris à la mamelle, puis sevrés, suralimentés à nouveau, pissant et bavant dans la dentelle et le cachemire. Gavés, lavés, repassés, amidonnés, froufroutés, vernis et bien élevés. Chapelets, dominos, cordes à sauter, scarlatine, première communion, coqueluche, otites, rosbif, puddings, blé d'Inde, blancs-mangers, manteau de lapin, mitaines fourrées. Crosse et toboggan. Ursulines et petit Séminaire. Nous n'irons plus au bois. Sonatines de Clementi. La belle enfance qui pousse et s'étire sur la pointe des pieds. Huit petits dragons, mâles et femelles, prêts à témoigner pour elle, Elisabeth d'Aulnières. (K, p. 19-20).*

*Mon second fils hurle toute la nuit. (K, p. 89).*

Todos aqueles pequenos alimentados ao seio, depois desmamados, superalimentados de novo, urinando e babando na renda e na flanela. Engordados à força, lavados, repassados, engomados, bem-vestidos, envernizados e bem-criados. Terços, dominós, cordas de saltar, escarlatina, primeira comunhão, coqueluche, otites, rosbife, pudins, trigo da Índia, manjar-branco, manto de coelho, luvas forradas de pele. Cajado e trenó. Ursulinas e pequeno Seminário. Não iremos mais ao bosque. Sonatinas de Clementi. A bela infância que cresce e se ergue na ponta dos pés. Oito pequenos dragões, machos e fêmeas (sic), prontos a prestar testemunho em favor dela, Elisabeth d'Aulnières. (TK, p. 15-16).

*Meu segundo filho grita a noite toda. (TK, p. 84).*

Verificamos, tanto no original como na tradução, a enumeração de tarefas que as mães devem cumprir. Destacam-se, também, os cuidados e as preocupações inerentes à criação de filhos, sejam elas referentes às brincadeiras infantis, à educação religiosa ou às doenças corriqueiras.

O árduo trabalho destinado à mulher, portanto, fica exposto, incluindo atividades nada agradáveis, uma vez que as crianças vivem “urinando e babando” e o “segundo filho grita a noite toda”. Assim, podemos depreender, do texto traduzido, uma ideia da maternidade que não é sublime, apesar das atenuações observadas anteriormente.

Quanto às atenuações, cabe destacar, ainda, um aspecto que acaba minimizando o impacto que essa crítica hébertiana provoca no leitor: a falta de atenção, por parte de Carvalho, à função poética da linguagem, que “[...] não é a única função da arte verbal, mas tão somente a função dominante, determinante” (JAKOBSON, 1977, p. 128). Das citações já transcritas, podemos notar o emprego de recursos poéticos no texto de Hébert, como a repetição em: *Ma mère dit qu’il faut me marier. [...] Ma mère dit encore qu’il faut me marier*, que reforçam, no caso, a denúncia à exigência do casamento. Percebemos que, no texto traduzido, há mudança no tempo verbal (“disse”/“diz”) e a inclusão do pronome oblíquo “me” na primeira ocorrência do verbo “dizer”, afetando a repetição. Verificamos, também, a opção de Hébert por frases ou orações nominais que lembram versos, como em *Huit enfants de celui-ci. Et les trois petits d’avant celui-ci [...]*. O tradutor brasileiro adota esse artifício em vários momentos do seu trabalho, mas, em outros, observamos o emprego de verbos e conectivos que deixam o texto em português mais longo e narrativo, como na tradução do fragmento anteriormente transcrito em que é incluído o verbo “ter” e o pronome relativo “que”: “Tive oito com ele. E os três que tive antes de casar-me com ele [...]”. A narratividade é verificada também no trecho “Só lembranças desfeitas de uma terra cega, de sangue, leite e placenta” (que aparece como tradução de *Terre aveugle, tant de sanget de lait, de placenta engalettes brisées*), em razão do acréscimo de “Só lembranças desfeitas de”, que não corresponde a nenhum segmento do texto em francês. Notamos, também, uma despreocupação com a sonoridade na tradução de *Gavés* por “Engordados à força”, no fragmento “Engordados à força, lavados, repassados, engomados, bem-vestidos, envernizados e bem-criados”, que corresponde a *Gavés, lavés, repassés, amidonnés, froufroutés, vernis et bien élevés*. O adjunto adverbial “à força” quebra o paralelismo com os outros vocábulos da oração. No texto em francês, somente o último *participe passé* vem modificado por um advérbio, de modo a propiciar uma cadência que não é observada no segmento traduzido. Repare-se que o Dicionário de Paulo Rónai (1989, p. 113) traz somente “engordar” como tradução de *gaver*.

Apoeticidade do texto de Anne Hébert leva o leitor a “sentir” a denúncia ao patriarcalismo que oprime as mulheres, uma vez que a função poética das obras remete à imaginação e à sensibilidade. Em *A máscara da inocência*, porém, não nos deparamos com um romance de intensa poeticidade<sup>15</sup> como é o de Hébert e a crítica à posição oprimida da mulher; a nosso ver, acaba por não sensibilizar o leitor do texto em português. Cumpre ressaltar que *Kamouraska* é um romance que lembra mais um poema, ou é um *roman-poème*, para fazer uso da expressão proposta por Benoit Renaud (1975).

### **A problemática relação entre mãe e filha**

É pertinente discorrer, neste ponto, sobre a problemática relação entre mãe e filha presente na obra em estudo, assim como em outros textos de Anne Hébert. Não se trata do conflito entre gerações, mas sim da falta de relacionamento. Marie-Louise, a mãe da protagonista, é ausente e, mesmo antes de seu nascimento, Elisabeth se depara com o principal traço que a distingue da mãe: o desejo de viver. Viúva aos seis meses de gravidez, *Mme. d’Aulnières* perde os sentidos quando o caixão do marido é retirado de casa, levando Elisabeth ao desespero, com medo de morrer. Esta se movimenta violentamente no ventre da mãe, dando indícios da personalidade forte que a caracterizaria. Ouve, então, palavras rudes de quem se esperaria amor:

*Le cercueil de mon jeune père quitte la maison. Ma mère s’évanouit. Et moi, bien enfermée à double tour, je lui donne des coups de pied dans le foie. Pour la réveiller. Je me démène comme un cabri. Nous pourrions en mourir toutes les deux, ma mère et moi, d’un évanouissement aussi terrible et prolongé.  
- Quelle petite fille malfaisante!  
Est-ce là la première voix du monde qui parvient à mes oreilles? (K, p. 51).*

O caixão de meu jovem pai que deixa a casa. Minha mãe desmaia. E eu, tão bem encarcerada, dou-lhe pontapés no fígado para despertá-la. Agito-me violentamente como um cabrito. Nós duas, mamãe e eu, poderíamos morrer de um desmaio assim terrível e prolongado.

- Que criança daninha!

É essa a primeira voz do mundo que me chega aos ouvidos?  
(TK, p. 47-48).

Notamos, nessa passagem, que Carvalho nem sempre deixa em evidência a falta de afinidade entre mãe e filha que se depreende do texto hebertiano. Para a tradução de *ma mère* (minha mãe), opta por “mamãe”, termo que conota afeição. Repare-se, por sinal, que essa escolha tradutória é também observada no primeiro cotejo apresentado neste trabalho, em que *Dites-moi, vous, ma mère?* é traduzido por “Diga-me a senhora, mamãe!”. Além disso, usa um termo neutro, “criança”, para traduzir *petite fille* (menina), excluindo a marca do feminino.

Após o nascimento da filha, *Mme. d’Aulnières* se fecha para a vida e deixa Elisabeth aos cuidados de empregados que não conseguem domá-la, porque a filha tenta, a todo custo, chamar a atenção da mãe, que só sai de seu isolamento para dispensar e contratar empregados. Estes afirmam que Elisabeth *a le diable dans le corps* (K, p. 52)/“tem o diabo no corpo” (TK, p. 48). Diante dessa situação, as três irmãs de Marie-Louise decidem intervir e se oferecem para levá-las para viver com elas. Depois de certa relutância por parte de *Mme. d’Aulnières*, que temia ser confundida com suas irmãs solteiras (K, p. 53), as Lanouettes, ela acaba cedendo e *s’abandonne, corps et biens, à la direction rassurante de ses soeurs aînées* (K, p. 54)/“entregase, física e financeiramente, aos cuidados seguros de suas irmãs mais velhas” (TK, p. 51). Com isso, a mãe de Elisabeth é suplantada pelas três tias, que passam a ser responsáveis pela educação da sobrinha, que consideram ser uma *sauvageonne* (K, p.53)/“selvagem” (TK, p. 49), sendo urgente ensinar-lhe *l’anglais, le catéchisme et les bonnes manières* (K, p. 53)/“inglês, catecismo e boas maneiras” (TK, p. 49). Assim, são as tias de Elisabeth que exercem diante dela um papel maternal:

*Mes petites tantes m’embrassent et me cajolent. Elles sentent la naphthaline et le pain d’épice.* (K, p. 53).

Minhas tias me abraçam e adulam. Cheiram a naftalina e a pão de centeio. (TK, p. 49).

Ressalte-se que o tradutor brasileiro, nesse fragmento, ao traduzir *naphthaline et le pain d’épice* por “naftalina e [...] pão de centeio”, retrata bem, a exemplo do que ocorre no texto de Hébert, o tradicionalismo das ideias das Lanouettes. Esses vocábulos remetem à ideia de conservação e durabilidade.

Importa lembrar que, ao mesmo tempo em que substituem Marie-Louise junto à Elisabeth, dando-lhe carinho, as três tias representam

a sociedade burguesa que normatiza as atitudes das mulheres. Assim, Elisabeth fica cercada por mulheres passivas e cúmplices das normas sociais. A esse respeito, afirma Hébert:

O cristianismo trouxe para o nosso meio um tipo de renúncia da vida. Esta renúncia se vivia, sobretudo, no feminino [...].

A vida das mulheres daqui [Quebec] era tão irreal e inexistente, que elas eram, ao mesmo tempo, fascinadas e horrorizadas com mulheres que se deixavam ser invadidas pelas forças da vida. Nossas mães tinham ventosas para comer a vida dos outros. (LEBRUN apud BISHOP, 1993, p. 191, tradução nossa)<sup>16</sup>.

Sem a presença da mãe, ou de modelos positivos do papel maternal, Elisabeth repete o mesmo tipo de comportamento de Marie-Louise, em relação aos seus filhos, que também são cuidados por empregados. Ela apenas garante que tudo esteja em ordem, para manter a sua aparência de mãe zelosa. Nem mesmo com Nicolas, o filho de Nelson, ela estabelece uma relação próxima e vital, embora ela veja nele o rosto do amante desaparecido e o reconheça como o “filho único do amor”.

A ausência de cumplicidade e de diálogo é um mal causado pela sociedade patriarcal que afasta as mulheres umas das outras. Já foi mencionado que entre Elisabeth e sua mãe não existe interação. Quando acertam o casamento de sua filha com Antoine, Marie-Louise tem a seguinte reação:

*Mme. d'Aulnières éclate en sanglots. Appréhende d'avoir à expliquer à sa fille les mystères, pour elle inséparables, du mariage et de la mort.* (K, p. 68).

O (sic) senhora d'Aulnières desata a chorar. Aflige-se por ter que explicar à filha os mistérios, para ela inseparáveis, do casamento e da morte. (TK, p. 64).

Mais tarde, vítima das agressões do marido, Elisabeth procura o apoio da mãe, que se mantém passiva frente aos problemas enfrentados pela filha:

*Je raconte ma vie à Kamouraska. Je pleure. Je sanglote. Je fonds en eau. Je tords ma chevelure. Je me mords les poings.*

*Ma mère intervient la première. Brise le silence lourd qui fait suite à mon récit. Arrache son chapelet. Se frotte le poignet, comme si on venait de lui retirer des menottes. Déclare que prier la tanne profondément. Fait un effort pour revenir au sujet.*

*- Ça ne vaut rien pour une femme de moisir trop longtemps avec son mari à la campagne.*

*Le visage de ma mère se brouille. Son regard s'égare à nouveau. Va rejoindre très loin en elle-même un songe bizarre où toutes les femmes mariées, après avoir donné naissance à une petite fille, n'ont plus qu'à devenir veuves les plus rapidement possible.*

*- Domage que la Petite n'ait pas accouché d'une fille...*

*Les trois petites Lanouette soupirent en écho. Regrettent aussi que la dynastie des femmes seules ne se perpétue pas éternellement, dans la maison de la Rue Augusta. (K, p. 98).*

Conto minha vida em Kamouraska. Choro. Solução. Dissolvo-me em água. Puxo os cabelos. Mordo as mãos.

Minha mãe é a primeira a intervir. Rompe o silêncio pesado que se seguira à minha narração. Arranca o terço. Esfrega o pulso como se lhe tivessem arrancado algemas. Declara que a oração a aborrece bastante. Faz um esforço para voltar ao assunto.

- De nada vale uma mulher ficar mofando durante muito tempo com o marido, no campo.

Uma névoa como que cobre o rosto de minha mãe. Seus olhos erram novamente para um ponto distante, vão encontrar muito longe, nela mesma, um sonho bizarro no qual todas as mulheres casadas, após dar à luz um filho, nada mais têm a fazer senão tornarem-se viúvas o mais rapidamente possível.

- Que pena não ter ela dado à luz uma menina...

As tres (sic) pequenas Lanouette suspiram como num eco. Lamentam também que a dinastia das mulheres solitárias não se perpetue eternamente na casa da Rue Augusta. (TK, p. 93).

*Ma mère retrouve ses migraines et s'enferme à nouveau dans son veuvage. Comme si mon sort était réglé à jamais. (TK, p. 114-115).*

Minha mãe recomeça a ter suas enxaquecas e entrega-se de novo a sua viuvez. Como se minha sorte estivesse regularizada para sempre. (TK, p. 110).

Quanto à tradução desses últimos fragmentos, observamos que Carvalho emprega as frases curtas de Hébert. Isso só não ocorre com *Son regard s'égaré à nouveau*, já que o tradutor agrupa essa frase à que vem a seguir. É pertinente mencionar que, sobretudo por meio desse recurso, a autora procurou imprimir, em Elisabeth, uma fala arquejante e entrecortada, que exprimisse a agonia vivida pela protagonista pela sua situação de clausura doméstica e o seu desejo de fugir a esse claustro. Anne Hébert comenta que o estilo do romance em estudo lhe veio instintivamente, por “[...] corresponder a esse tipo de tom ofegante que Elisabeth tem. Uma espécie de respiração” (TREMBLAY, 1971, p. 1, tradução nossa)<sup>17</sup>. Verificamos, pelos exemplos apresentados até este ponto, que nem sempre o tradutor observa esse traço hebertiano.

Ainda sobre a tradução dos trechos anteriores, notamos que Carvalho, ao verter *Le visage de ma mère se brouille* por “Uma névoa como que cobre o rosto de minha mãe”, não adota o estilo seco da protagonista, que remete, nesse caso, ao distanciamento observado entre mãe e filha. Ele emprega um tom meloso, a nosso ver. O fragmento poderia ser traduzido por “O rosto de minha mãe se altera”, de modo a ser mais coerente com a relação existente entre as duas. Mais significativa, ainda, é a alteração do sexo do bebê em *après avoir donné naissance à une petite fille* / “após dar à luz um filho”. Mais uma vez, o tradutor elimina a marca do feminino. Neste caso, não deixa transparecer a importância do nascimento de uma menina (*petite fille*) para o estado de viuvez da mãe. Ademais, não promove a conexão com a fala das tias mencionada na sequência. Estas lamentam o fim da dinastia das mulheres solitárias da família, pelo fato de a protagonista ter tido um menino, Nicolas, diferentemente de Marie-Louise, que teve Elisabeth.

A crítica à figura materna submissa e a explicitação da dificuldade na relação entre mãe e filha estão presentes em muitas obras de autoria feminina publicadas no Quebec, entre os anos sessenta e setenta (COLLET, 1980). Isso deu ensejo a diferentes reflexões. É interessante observar, a esse respeito, que há estudiosos que entendem a distância emocional travada entre mãe e filha como uma oportunidade para a filha se liberar de uma mãe sufocante e castradora. Por outro lado, há aqueles que defendem a construção de laços de solidariedade numa genealogia feminina como o caminho para tal liberação.

Partindo da leitura de que o papel da mãe é negativo<sup>18</sup> em toda a obra de Hébert, porque a mãe tem por missão ensinar “a lei do Pai” aos filhos, Anne Ancrenat (1997) afirma que é preciso cessar essa transmissão de

valores patriarcais por meio “da voz da Mãe” e sugere que Hébert provoca a separação entre mães e filhas, visando a “[...] desestabilizar o cenário estabelecido pela ideologia patriarcal” (ANCRENAT, 1997, p. 10-11, tradução nossa)<sup>19</sup>. Ainda segundo Ancrenat, ao insistir nessa ruptura, Anne Hébert impediria que as filhas naufragassem num falso discurso maternal (1997, p. 11). Ele seria falso porque carrega uma ideologia elaborada sem a participação das mulheres, na qual elas são objeto de apropriação.

É possível compreender essa posição, se tomarmos como referência o contexto da sociedade quebequense tradicional, no qual a mãe foi, por muitos anos, porta-voz dos valores cristãos veiculados pela Igreja Católica, cenário representado em várias obras hebertianas. Porém, essa ruptura não garante, de fato, a liberação das jovens que se distanciam da mãe portadora da ideologia conservadora. Isso, aliás, pode ser observado na obra de Hébert.

Diferentemente de Ancrenat, Lori Saint-Martin (2003) sustenta que a falta de laços estreitos entre mãe e filha não é positivo e não contribui para levar a filha a alcançar a liberação. Baseando-se em pesquisas realizadas por psicanalistas e psicólogas como Chodorow, Irigaray e Couchard, ressalta que “[...] o relacionamento mãe-filha é o pivô da identidade feminina” (SAINT-MARTIN, 1999, p. 16, tradução nossa)<sup>20</sup>. Acrescenta: “[...] o desenvolvimento psíquico das mulheres toma caminhos que lhe são próprios” (SAINT-MARTIN, 1999, p. 16, tradução nossa)<sup>21</sup>. Isso quer dizer que a mulher deve se encontrar numa genealogia feminina “[...] redescobrimo seu corpo por meio do corpo de outras mulheres, [redescobrimo] o carinho, o amor, incluindo também o amor materno” (IRIGARAY, 1981, p. 61, tradução nossa)<sup>22</sup>.

No que tange ao ponto de vista de Ancrenant sobre a obra de Hébert, Saint-Martin formula a seguinte questão: “E se o impasse criado sobre o maternal explicasse justamente o fracasso da busca de quase todas as protagonistas hebertianas?” (SAINT-MARTIN, 2003, p. 196, tradução nossa)<sup>23</sup>. Retomamos aqui a hipótese, sugerida por Lori Saint-Martin, de que a ausência de vínculo entre mãe e filha pode impedir a liberação das filhas. Pois, se a ruptura se apresenta como algo positivo que direcionaria à emancipação das personagens femininas, como explicar o naufrágio das heroínas hebertianas órfãs ou daquelas que são privadas de desenvolver um elo vital com a mãe? Parece que um relacionamento mãe e filha sem interferência da ideologia patriarcal pode oferecer uma resposta a essa questão.



## Palavras finais

Percebemos, pela análise que foi feita, que estão presentes na tradução brasileira de *Kamouraska*, a ideia do casamento e da maternidade como destino único das mulheres; a insatisfação das mulheres com as tarefas domésticas, sobretudo a criação dos filhos; a desmistificação da ideia da maternidade como algo sublime, e a difícil relação entre mãe e filha. Tais discussões remetem à crítica à situação oprimida da mulher na sociedade quebequense tradicional. Observamos, porém, atenuação dessa crítica, em diversos momentos, pela escolha de alguns vocábulos, como foi o caso da tradução de *onze maternités* por “onze filhos”, ou de *petite fille* por “criança”. Chama a atenção, também, o fato de o tradutor ter negligenciado certos recursos poéticos da obra hebertiana, de modo a não sensibilizar o leitor do texto em português para a denúncia que é apresentada na obra.

Ressaltamos, entretanto, a importância dessa tradução de do Anne Hébert no Brasil. Repare-se que, em 1972, a autora quebequense em estudo já era apresentada aos leitores brasileiros com a obra *A máscara da inocência*, tradução de *Kamouraska*, romance publicado somente dois anos antes.

Quanto a certa negligência com os aspectos poéticos e os traços que remetem à crítica à sociedade patriarcal, lembramos que Carvalho traduziu a obra em pauta em um contexto em que os estudos da tradução e os estudos feministas ainda não estavam consolidados. A esse respeito, trazemos a reflexão de Luise von Flotow, sobre a relevância dos contextos para a tradução, pois eles é que “[...] formam, influenciam, permitem ou proíbem certas versões de certos textos em certos tempos” (FLOTOW, 2005, p. 39, tradução nossa)<sup>24</sup>. Lembramos, também, de Lefevere, que discute o motivo do relançamento, no final dos anos setenta e no decorrer dos anos oitenta, de clássicos feministas originalmente publicados no início do século XX. Ele sustenta:

O conteúdo dos romances era, supostamente, não menos feminista do que é agora, uma vez que estamos lidando com os mesmos textos. A razão pela qual os clássicos feministas são republicados não se encontra no valor intrínseco dos textos, ou mesmo na (possível) falta desse valor, mas no fato de que eles estão sendo agora editados sobre o pano de fundo de um impressionante conjunto de crítica feminista, que os anuncia, os incorpora e os suporta. (LEFEVERE, 2007, p. 14).

Essas considerações explicam, em parte, a atitude de Carvalho perante o texto de Anne Hébert. Em pesquisa desenvolvida (PORTO, 2012), foi possível observar atenção à literariedade e às marcas do feminino, na tradução brasileira das obras hebertianas *Les fous de Bassan* (1982) e *La cage* (1990). Os textos traduzidos<sup>25</sup> foram publicados, respectivamente, em 1986 e 2003, em outros estágios da consolidação dos estudos da tradução e dos estudos feministas.

## Referências

ANCRENAT, A.-M. *De mémoire de femmes: 'la mémoire archaïque' dans l'œuvre d'Anne Hébert*. 1997. (Tese de doutorado) – Faculdade de Estudos Superiores, Université Laval. Laval, Québec, [1997].

BEAUVOIR, S. de. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 2003. v. 2.

BISHOP, N. B. *Anne Hébert, son œuvre, leurs exils*. Bordeaux: Universitaires de Bordeaux, 1993.

COLLET, P. Les romancières québécoises des années 60 face à la maternité, *Atlantis*, v. 5, n. 2, p. 131-141, 1980.

FLOTOW, L. von. *Translation and gender: translating in the era of feminism*. Ottawa: University of Ottawa, 1997.

\_\_\_\_\_. Tracing the context of translation: the example of gender. In: SANTAEMILIA, José. (Org.). *Gender, sex and translation: the manipulation of identities*. Manchester: St. Jerome, 2005. p. 39-51.

HANCIAU, N. Les symboles dans Kamouraska. *Cadernos do I. L. Porto Alegre*, v. 9, p. 37-47, 1993.

HARVEY, R. *Kamouraska d'Anne Hébert: une écriture de la passion*. Québec: HMH, 1982.

HÉBERT, A. *Kamouraska*. Paris: Seuil, 1970.

\_\_\_\_\_. *A Máscara da Inocência*. Tradução de Leônidas Gontijo de

Carvalho. São Paulo: Civilização Brasileira, 1972. (Título original: Kamouraska.)

IRIGARAY, L. *Le Corps à corps avec la mère*. Montréal: Les éditions de la pleine lune, 1981.

JAKOBSON, R. Linguística e Poética. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 118-162.

LE ROBERT. *Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2003.

LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

PORTO, L. V. *Traços feministas em traduções brasileiras de obras de Anne Hébert*. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – FL, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

RENAUD, B. Kamouraska: Roman et poème, *Co-Incidences - Revue des étudiants du département des Lettres françaises de l'Université d'Ottawa*, v. 5, n. 2-3, p. 26-45, 1975.

RÓNAI, P. *Dicionário Francês Português*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SAINT-MARTIN, L. *Le Nom de la mère: mères, filles et écriture dans la littérature québécoise au féminin*. Montréal: Nota bene, 1999.

\_\_\_\_\_. Inventer la mémoire. *Voix et Images*, v. 28, n. 2, p. 191-197, 2003.

SILVA, M. L. B. da. La broderie discursive dans Kamouraska. *Cadernos do I. L.* Porto Alegre, n. 9, p. 23-36, 1993.

SMART, P. *Écrire dans la maison du père: l'émergence du féminin dans la tradition littéraire du Québec*. Québec: XYZ, 1988.

TREMBLAY, G. Une entrevue exclusive avec Anne Hébert: Kamouraska ou la fureur de vivre. *Le Devoir*. Montréal, p. 1-2, 12 jun. 1971.

VIAU, S. La maternité dans l'œuvre d'Anne Hébert. *Cahiers Anne Hébert* (Filiations: Anne Hébert et Hector de Saint-Dennis Garneau), n. 7, p. 145-161, 2007.

ZWOLL, L. R. Van. Mort, meurtre et maternité: "Le torrent" et Un habit de lumière. *Cahiers Anne Hébert* (Anne Hébert et la critique), n. 4, p. 129-145, 2003.

## Notas

1. Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil. Mestre em Literaturas Francesa e Francófonas pela *University of Saskatchewan*, Canadá. Doutora em Letras e Linguística pela UFG. E-mail: lilianportoufg@gmail.com.
2. Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil. Mestre e doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail: ofirbergemann.ufg@gmail.com.
3. Para o estudo de alguns símbolos em *Kamouraska*, consultar Hanciau (1993).
4. "Prisonnière de la Rue Augusta et de la ville de Sorel. Me libérer. Retrouver l'enfance libre et forte en moi" (K, p. 123). As citações da tradução brasileira de *Kamouraska* são indicadas por TK, do original por K.
5. "Je fais le guet. Je soulève le rideau. Je gratte le givre avec mes ongles. Je suis du regard la rue Philippe qui s'échappe vers la campagne" (K, p. 184).
6. Robert Harvey (1982) se interessou pela escrita retrospectiva que Elisabeth assume durante o seu devaneio, porém, ele não faz uma análise da situação oprimida da mulher.
7. "Je dis "je" et je suis une autre" (K, p. 115).
8. Maria Luiza da Silva analisa a busca de identidade no romance em pauta por meio da simbologia da *broderie* (1993, p. 23-36).
9. "Penser à soi à la troisième personne. Feindre le détachement. Ne pas s'identifier à la jeune mariée, tout habillée de velours bleu" (K, p. 71).
10. *Le discours religieux, largement diffusé au Québec jusque dans les années 1960, voire au-delà, nous la [la femme] montre asexuée, souriante dans la douleur et altruiste; le discours psychanalytique nous informe qu'elle désire des enfants pour compenser la blessure narcissique de la castration, de sorte que la maternité est le signe d'un manque ontologique; le discours scientifique nous entretient d'un instinct maternel et de prédestination hormonale.*
11. [...]devenir mère dans la littérature québécoise était presque inévitablement le coup de mort porté au personnage féminin. Dans le texte idéologique sous-jacent à la littérature, être mère équivalait à ne-pas-avoir-d'histoire, à être uniquement l'Autre, le reflet et le support de la maison paternelle.

12. “[...] refouler ses besoins, ses désirs, sa colère, sous peine d’être une mauvaise mère [...]”.
13. “[...] accepter la maternité telle que la société la construit, et renoncer à tout sentiment; ou bien rejeter la maternité, se marginaliser”.
14. *Brise les illusions selon lesquelles la maternité est un état de grâce béni entre tous et montre que la maternité peut être violente, cruelle, contrariée et passionnée. La mère n’a plus alors l’image de la ménagère accomplie sans désir ni passion mais apparaît comme une femme qui souffre en raison de la société patriarcale qui l’enferme et l’étouffe dans une raideur destructrice.*
15. Cabe mencionar que, em pesquisa feita na internet, não encontramos outra obra literária traduzida por Leônidas Gontijo de Carvalho.
16. *Le christianisme chez nous avait amené une sorte de refoulement de la vie. Ce refoulement se vivait surtout au féminin. [...]. La vie des femmes d’ici [Québec] était à ce point irréaliste et inexistante, qu’elles étaient à la fois fascinées et horrifiées (sic) par les femmes qui laissaient monter en elles les forces de la vie. Nos mères avaient des ventouses pour manger la vie des autres.*
17. “[...] correspondre à cet espèce de ton haletant qu’a Elisabeth. Une sorte de respiration”.
18. Lori Saint-Martin sugere, na resenha que redigiu sobre essa tese de Ancrenat, a necessidade de se atenuar essa opinião, visto que há romances hebertianos, como *Les enfants du sabbat*, em que essa relação pode ser lida por um viés positivo (2003, p. 196).
19. “[...] déjouer le scénario fixé par l’idéologie patriarcale”.
20. “[...] le rapport mère-fille est le pivot de l’identité féminine”.
21. “[...] le développement psychique des femmes emprunte des voies qui lui sont propres”.
22. “[...] en redécouvrant son corps par le biais du corps des autres femmes, la tendresse, l’amour, y compris d’ailleurs l’amour maternel”.
23. “Et si l’impasse faite sur le maternel expliquait justement l’échec de la quête de presque toutes les protagonistes hébertiennes?”
24. “[...] they shape, influence, permit or prohibit certain versions of certain texts at certain times”.
25. É importante esclarecer também que o trabalho de tradução, nos dois casos, foi realizado por acadêmicas da área de Letras.

